

Afinal, quem é que precisa de três desejos? – *Um cisne selvagem e outros contos*, o avesso dos contos de fadas

After all, who needs three wishes? – *A wild swan and other tales*, the reverse of fairy tales

Ana Seíça Carvalho

Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
ana.seica@gmail.com

Palavras-chave: anti-herói, psicopatologias, Michael Cunningham, recepção, desconstrução, *Final Infeliz*.

Keywords: anti-hero, psychopathologies, Michael Cunningham, reception, deconstruction, *Unhappy ending*.

Um cisne selvagem e outros contos

Cada conto de fadas é um espelho mágico que reflete alguns aspectos de nosso mundo interior, e dos passos necessários para evoluirmos da imaturidade para a maturidade. (Bettelhein, 2012, p. 323)

O escritor americano Michael Cunningham, autor da colectânea em apreço *Um cisne selvagem e outros contos*, é essencialmente conhecido pelo seu romance *As Horas*, escrito em 1998 e premiado com o Pulitzer Prize for Fiction e o PEN/Faulkner Award for Fiction, ambos em 1999. Adaptado ao cinema com o mesmo título, *The Hours*, no ano de 2002, ganhou o Óscar pelas prestações de Nicole Kidman, Meryl Streep e Julianne Moore.

Com a leitura de *Um cisne selvagem e outros contos*, colectânea publicada em 2015, o autor deixa-nos desconcertados pela derrogação de categorias. Somos presenteados com dez contos, cujos curtos títulos parecem desenterrar as nossas memórias de infância, até começarmos efectivamente a percorrer as suas linhas. Não poderemos, por respeito à economia de extensão do *corpus*, descrever aqui cada um deles, mas adiantaremos algumas singularidades destes contos narrados por prismas muito diferentes daqueles a que estamos habituados.

Se “Des.Encanto” funciona como um prólogo da obra, o primeiro conto, “Um Cisne Selvagem”, recorda os príncipes transformados em cisnes e o feitiço que obteve resultados inesperados, visto que um dos irmãos não recuperou a forma humana na totalidade, mantendo uma deformidade, uma asa de cisne (problemática essa que o arrasta e mergulha no alcoolismo, queixando-se amargamente de que a asa “é um transtorno no metro, um empecilho nos táxis [...] Tinha de ser constantemente inspeccionada para ver se tinha piolhos” [Cunningham 2015, p. 16]). O segundo conto, por sua vez, “Velha Louca” (a Velha de Hansel e Gretel ou, no nosso caso português, a história de João e Maria e da casinha feita de doces), presenteia-nos com uma personagem retratada com perturbações histriónicas de personalidade, desde o chamar a atenção pela aparência física e pela casa feita de doces, a interações sexuais desviantes; em terceiro lugar, o conto “João Ladrão” apresenta-se como a história refeita de João e o Pé de Feijão, com uma personagem claramente portadora de deficiência intelectual moderada; “Envenenada”, em quarto lugar, uma sequela da singela história da Branca de Neve, com contornos fetichizantes; em quinto, “A Pata do Macaco”, desta feita, um conto claramente de terror, com a manipulação de um talismã cujo poder traz para a luz do dia mortos-vivos que se sentam connosco no sofá. Em sexto lugar, com o conto “Uma Amostra de Homem”, reinterpretação do conhecido conto de origem germânica da princesa e do bruxo Rumpelstiltskin, cujo nome era segredo, Cunningham transporta-nos para o mundo dos monstros sentimentais. Com “Soldadinho Leal”, acedemos a uma reescrita do encontro amoroso entre o Soldadinho de Chumbo e a bela bailarina, cenário no qual Cunningham desconstrói o maravilhoso mundo das sapatilhas de ponta e do ballet clássico (que tantas vezes se inspirou nesta história de amor), cedendo lugar a amputações e consultas psiquiátricas. Em oitavo lugar, “Monstros” reescreve o célebre conto de origem francesa da Bela e do Monstro, numa perspectiva muito curiosa. Em nono lugar, “O Cabelo Dela” narra o devir de uma Rapunzel já careca e as suas relações com o príncipe cego que guarda religiosamente os seis metros do cabelo louro cortado, como se de uma relíquia se tratasse, numa atitude claramente obsessiva; por fim, “Para Sempre”, um conto que poderia resumir a estrutura-base de um qualquer conto tradicional – o típico casamento entre um rei e uma rainha e o nascimento da sua ninhada de filhos – mostra-nos, contudo, a imagem de um quotidiano enfadonho no palácio e arredores.

Elencadas são diversas personagens que encarnam justamente a figura do anti-herói no lugar do príncipe encantado a que a norma estabelecida pelos contos de fadas nos habituou: o príncipe alcoólico, de braço desfigurado de penas de cisne; a velha de Hansel e Gretel, uma solitária prostituta de setenta anos, de cabeleira pintada de ruivo; o príncipe da Branca de Neve com fetiches necrófilos; o Soldadinho de Chumbo com uma prótese na perna e utente frequente de bordéis, entre outros... Personagens que, na selva do mundo actual, sem magias nem feitiços, contrariam a sugestão que paira do tão conveniente *felizes para sempre* próprias destas unidades narrativas mínimas.

A intenção do autor, fórmula que não sendo uma novidade literária possui normalmente êxito junto dos leitores, centra-se na reinterpretação ou reescrita de dez contos que, embora mantendo uma estrutura de curta extensão, de enredo

simples, e em prosa, são elaborados numa versão adulta e claramente *dark*. O autor tem a capacidade de nos projectar para um mundo novo, precisamente para o avesso dos contos de fadas, onde questionamos a perfeição com a qual brindaram a nossa infância, invertendo as noções basilares do típico *happy-ending*. Michael Cunningham utiliza diferentes dinâmicas compositivas: se em algumas narrativas, o autor reconstrói, em palimpsesto, o conto como o conhecemos e lhe confere outra linha de pensamento, noutras parte do conto fantástico muito para além da celebração e dos festejos que caracterizavam o seu desfecho tradicional, dá continuidade à narrativa, desconstruindo o suposto presente imortalizado e intemporal em que as personagens se inserem até aos dias de hoje.

Se no conto tradicional predomina a personagem de simplicidade psicológica, superficial, sem descrição emocional, Cunningham, pelo contrário (e esta é a sua maior arma!), estuda-as e amplifica-as, fazendo-as desfilarem com uma densidade psicológica, na maioria dos casos, propositadamente perturbadora: a principal subversão do autor ao cânone passa precisamente pela exploração profunda da mente das suas personagens que, de “referenciais, no sentido em que reenviam para certos atributos e percursos culturalmente cristalizados” (Reis & Lopes, 2002, p. 86), passam a personagens individualizadas, com personalidade original, como pessoas reais.

Os contos podem, obviamente, ser lidos por qualquer tipo de público, no entanto, o conhecimento prévio da tradição cultural permite uma maior apreciação desta versão obscura, subversiva e patológica de *clichés* que, uma vez postos em causa, caem por terra.

Em *Envenenada*, conto do qual escolhemos citar excertos como forma de aliciar a futura leitura desta colectânea, a estrutura cinge-se a um dos incontáveis diálogos nocturnos entre a Branca de Neve e o Príncipe, após longos anos de casados (Cunningham, 2015, pp. 43-46):

Ontem à noite apetecia-te.

Esta noite acho que não me apetece a mim.

Porquê exactamente?

É esquisito. Não achas um bocadinho esquisito? E eu... Bem, estou a começar a ficar farta [...] Isso é um nadinha humilhante para mim.

Mas o príncipe riposta: “Quando amamos alguém, ficamos felizes por fazermos essa pessoa feliz... mesmo que te pareça esquisito”. Branca de Neve aquiesce então: “Pronto. Dez minutos, só dez está bem?”. Para o príncipe é importante, e Branca de Neve submete-se uma vez mais àquele fetiche de perturbação do desejo sexual hipocativo, elaborado ao longo dos anos de vida em comum: deita-se no esquite de vidro e fica imóvel, comatosa de novo, com a tampa fechada, até o príncipe a vir beijar de novo. Ele desenvolveu aquela parafilia que, segundo ele, lhe “dá tesões matinais” (Cunningham, 2015, p. 45), vê-la acordar, como que surpresa, por estar ali, ser ele o responsável por aquele “viver”.

Sinto-me depravado” – diz ele – “achas que podias cruzar as mãos um bocadinho mais em baixo?” [...]. Doze minutos, nem mais um. Prometo. Obrigado, é importante para mim, a sério. Doze minutos e dou-te um beijo. A seguir podemos encomendar

comida. Ou ir comer fora, como preferires, ou ir ver um filme, mas obrigado pelos doze minutos. (Cunningham, 2015, p. 46)

Procurar consertar os desconcertos

Cunningham suscita no leitor múltiplas questões, às quais procuramos dar resposta, como por exemplo, será que o facto de se desviar do tradicional desfecho é impeditivo de um final feliz? Nem sempre as fábulas e contos com resolução ética e moralidade, terminam de forma feliz. Interessa que (co)movam o espectador / leitor, e o levem a reflectir. O final feliz acaba por ser um desfecho de uma aventura que se consuma e que traz consigo uma aprendizagem. No caso do autor, não é a conclusão em *happy ending* que importa, pois as histórias são deixadas em aberto, num presente intemporal, intravável. Nem o final infeliz nem o final feliz funcionam aqui, pois não existe final de todo, não existe esse desfecho canónico. O *happy ending* dos contos antigos serve sim de mote para dar continuidade a uma nova narrativa. Interessa que esta (co)movam o espectador / leitor, e o leve a reflectir. Interessa levar o público a colocar-se no papel do protagonista e a pensar a acção passada, o momento vivido presente, as transformações que advieram com o tempo, o crescimento e a maturação.

Como poderíamos definir a marca de água destes contos: o verosímil/ realidade ou o imaginário/utopia? Uma vez mais, aqui reina a subversão, pois o idílico e a perfeição utópica dissolvem-se e dão lugar às fragilidades humanas mais reais nestes contos de fadas que o próprio livro, na sua capa, afirma que são “para o nosso tempo”.

A construção do avesso destas personagens torna-as por isso, mais falíveis e credíveis, logo mais humanas e menos heróicas? O heroísmo na sua designação puramente clássica, de perfeição e de invulnerabilidade, desaparece na sua essência, mas, justamente, a revelação do íntimo, quase do *id* freudiano, humano e realista, não deve ser tido por menos “heróico”, pois trata-se de um ser humano que não sendo um Hércules ou um Ulisses, é um ser que luta com as suas próprias falhas e dores pessoais. Perde-se, pois, uma certa hierarquia postulada antigamente, reconhecendo no Homem do dia-a-dia o herói por excelência dos nossos tempos. E existe algo de mais heróico que não seja assumir as nossas fraquezas e procurar ultrapassá-las?

Além disso, representará esta colectânea uma *hybris* pela sua clara subversão do cânone contístico? Pensamos que não, por não se tratar, de todo, de uma insolência do autor, criticável e/ou punitiva, muito pelo contrário, visto que transpondo as margens do cânone, ele alarga ousadamente as suas possibilidades, enriquecendo-o.

Inquirimos ainda, se a função inerente ao conto é o seu didactismo e carácter moralizante o que poderemos aprender com todas estas personagens? Interessamos, pois, não como termina determinado conto, mas qual o processo que orienta o seu enredo. O foco não está no destino da viagem, mas sim no percurso e no seu fio condutor – sempre em construção, quedas e superações de cada personagem – de um caminho ou vários caminhos que esta decide percorrer. Não existe um único desfecho, o leitor é levado a reflectir na condição das personagens, como

espelho da sociedade, dotando a personagem de livre-arbítrio e de abertura para a construção do seu futuro.

Os contos de fadas reescritos por Cunningham sugerem a normalização da percepção das doenças mentais como uma legítima perspectiva de interpretação e de análise. O leitor de Cunningham, sob uma luz de abertura psicológica e moderna, será capaz de aceitar e talvez compreender distintos estados de espírito sem julgamentos negativos. O autor redige presentes possíveis que, carecendo de vitórias e conquistas, enaltecem uma realidade plausível do caminho individual de cada personagem, mas deixa-nos ainda, com mestria, o enigma do devir...

Yuko Shimizu e o mundo de fantasias



Ilustração 1: Conto “Envenenada”, Branca de Neve no esquife e o Príncipe.



Ilustração 2: ilustração do conto “Velha Louca”

Antes de terminar, abrimos espaço para apreciar as extraordinárias ilustrações que povoam a colectânea. Os desenhos são de Yuko Shimizu¹, uma japonesa, nascida em Tóquio, que decidiu mudar-se para Nova Iorque, perseguindo o sonho de criança de tornar-se artista. Shimizu cursou o mestrado em Artes Visuais, tendo trabalhado como ilustradora editorial em jornais como *The New York Times* e o *Financial Times*. Hoje em dia, trabalha como Professora na *School of Visual Arts* e como ilustradora *freelance*, com editoras famosas como a *Penguin Books* e a *Abrams Books*, com marcas de roupa como a *Gap*; é regularmente con-

¹ Não confundir esta artista com a homónima Yuko Shimizu, artista nascida em 1946 que, nos Anos 70, criou a conhecida figura Hello Kitty.

vidada para ilustrar livros infantis e de Banda Desenhada, tão conhecidos dos amantes de BD como *The Sandman*, tendo sido reconhecida e galardoada pelo seu trabalho com os prêmios da Association of Illustrators, Society of Illustrators.

Conclusões

Nós não podemos fazer uma literatura de costas viradas para a vida.

(Mia Couto, apud Chabal, 1994, p. 290)

Na esteira de Jack Zipes, Professor na Universidade do Minesota, especialista no estudo do Fairytales (autor da recente obra *The irresistible Fairy Tale, the cultural and social history of a genre*) concordamos que os contos de fadas não parecem ter sido criados na sua origem com vista a um público infantil. Porém, são essas pequenas histórias de encantar, algumas assustadoras, com as quais crescemos e em cujos enredos apreendemos os primeiros mundos possíveis e as suas personagens-tipo (“Fairy tales were not created or intended for children. Yet they resonate with them, and children recall them as they grow to confront the injustices and contradictions of so-called real worlds” [Zipes, 2012, p. 20]).

Na obra *Um cisne selvagem e outros contos*, Cunningham simplesmente transforma os contos, com a ajuda de uma varinha mágica muito especial – a lente adulta/realista, perturbadora até, psicanalista – em histórias de revelação sublime, que pouco espaço deixam para o sonho, todavia abrem-nos as portas da meditação / reflexão: pelo conteúdo de análise psicopatológica, é como se colocássemos os protagonistas fora dos seus reinos maravilhosos, onde as casas são feitas de ovos moles, onde as princesas têm cabelos sedosos e onde o mau hálito simplesmente não consta do dicionário, e os deitássemos num consultório psiquiátrico e claramente os escutássemos.

Os contos de Cunningham, mais experimentais e contemporâneos, roçam as características do ensaio quase filosófico e da análise psiquiátrica, justamente pela problematização e exposição/revelação do íntimo das personagens que permite recriar critérios de diagnóstico prevaletentes e traçar perfis de doenças mentais, através das suas inquietações, complexos, traumas, etc.

Tais contos derrogam e subvertem por completo as categorias que a tradição mais antiga nos legou, tais como a infalibilidade do herói e a perfeição das princesas. Hoje, observamos cada vez mais, na Literatura, o encontro com a fragilidade da realidade humana e a desconstrução do género, pelo lado perverso e anti-heróico das personagens que desfilam num palco muito real com imenso potencial dramático: não há medo de desmascarar as doenças psicopatológicas e o lado mais obscuro que é comum a todos nós, não existe medo de encarar um *unhappy ending*, pois não passa de uma possibilidade entre tantas outras. A análise psicopatológica das personagens e a visão das histórias passadas através de um óculo distinto do habitual são a calda de açúcar, ou melhor, o molho agri-doce, com que o autor cobre a pinceladas os seus textos. E como a Velha do conto “Velha Louca”, o escritor leva-os ao forno a gratinar. Uma receita que tem tudo para ser um sucesso, porque segundo Zipes (2012, p. 20):

We cannot explain why the origins of the fairy tale are so inexplicable and elusive. But we can elucidate why they continue to be irresistible and breathe memetically through us, offering hope that we can change ourselves while changing the world. (Zipes, 2012, p. 20)

Terminamos com um trecho do Prólogo principal de toda a coletânea, “Des. Encanto”, *exortatio* que nos permitirá reflectir na eternidade dos contos de fadas, no poder imortal dos mitos que atravessam os tempos e na transversalidade destas narrativas que, como vimos, podem ser alvo de reinterpretações desafiantes, irresistíveis mutações e constantes actualizações:

A maioria de nós está em segurança. Se não somos um sonho delirante dos deuses e se a nossa beleza não perturba as constelações, ninguém nos lançará um feitiço. Ninguém nos transformará em animais nem nos porá a dormir durante cem anos [...]. As entidades vingativas só desejam destruir os excepcionais, aqueles a quem, por alguma razão, foram concedidos não apenas louros e rubis, mas uma formosura que as aves das árvores [...]. Quem não iria querer lizar estas pessoas? [...]. Perguntem-se, por favor: se pudessem lançar um feitiço contra o atleta absurdamente atraente e a modelo de *lingerie* que ele ama, ou sobre o casal de estrelas de cinema (...) não o fariam? A sua aura de felicidade e de prosperidade e as suas perspectivas infinitamente promissoras não vos irritam nem um bocadinho? Por vezes não vos enfurecem?

Se assim não for, estão de parabéns.

Porém, se for esse o caso, existem feitiços e canções antigas, palavras que podem ser pronunciadas à meia-noite, durante certas fases da Lua, à beira de lagos insondáveis escondidos nas profundezas dos bosques, em câmaras subterrâneas secretas, ou em qualquer encruzilhada de três estradas. Essas maldições são extraordinariamente fáceis de aprender. (Cunningham, 2015, pp. 7-8)

Referências bibliográficas

- Cunningham, M. (2015). *Um cisne selvagem e outros contos*. Tradução de A. Bastos (*A Wild Swan and Other Tales*. Farrar: Straus and Giroux). Lisboa: Gradiva.
- Bettelheim, B. (2002). *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de A. Caetano. Edição Paz e Terra.
- Butrym, A. J. (Ed.) (1989). *Essays on the Essay, Redefining the genre*. Athens: The University of Georgia Press.
- Fernandes, J. C. (Eds.) (2002). *American Psychiatric Association, Mini DSM – IV – TR, Guia de Referência Rápida para os critérios de diagnóstico*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM – 5, Artmed, C. Bittencourt (coord), 2012-2013
- Neiva, S; Montandon, A. (Org) (2014). *Dictionnaire Raisonné de la Caducité des Genres Littéraires* (pp. 17-31). Genève: Librairie Droz.
- Propp, V. (2000). *Morfologia do Conto* (4ª ed.). Prefácio de A. D. Rodrigues. Alpiarça: Coleção Veja Universidade, Assírio Bacelar.
- Propp, V. (1984). *Las raíces históricas del cuento* (4ª ed.). Madrid: Editorial Fundamentos.
- Reis, C; Lopes, A.C. (2002). *Dicionário de Narratologia* (7ª ed.). Coimbra: Almedina.
- Varga, A. (1981). *Teoria da Literatura*, Editorial Presença, Lisboa.
- Wellek, R. & Warren A. *Teoria da Literatura*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, Biblioteca Universitária.

Zipes, J. (2012). 1 – The Cultural Evolution of Storytelling and Fairy Tales: Human Communication and Memetics. *The irresistible Fairy Tale, the cultural and social history of a genre*. Princeton and Oxford: Princeton University Press.

Resumo

Michael Cunningham, essencialmente conhecido pelo seu romance *As Horas*, adaptado ao cinema, redigiu esta colectânea, *Um cisne selvagem e outros contos*, publicada em 2015, que nos deixa desconcertados pela derrogação de categorias.

Elencadas são diversas personagens que encarnam justamente a figura do anti-herói, no lugar do príncipe encantado a que a norma estabelecida pelos contos de fadas nos habituou: o príncipe de braço desfigurado de penas de cisne, alcoólico; a velha de Hansel e Gretel, uma solitária ex-prostituta, de cabeleira pintada de ruivo; o príncipe da Branca de Neve com fetiches necrófilos; o Soldadinho de Chumbo sem uma perna e utente frequente de bordéis, entre outros... Personagens que, na selva do mundo actual, sem magias nem feitiços, contrariam a sugestão que paira do tão conveniente *felizes para sempre*.

A intenção do autor centra-se na reinterpretação de dez contos infantis, elaborando uma versão adulta e claramente *dark* que nos faz duvidar do típico *final feliz* e trespassa a estrutura do conto fantástico muito para além da celebração e dos festejos que caracterizavam o seu desfecho, o que suscita no leitor múltiplas questões.

Cunningham reescreve prequelas interrogativas e sequelas de um presente possível que, carecendo de vitórias e conquistas, enaltecem uma realidade plausível do caminho individual de cada personagem, mas deixa-nos ainda, com mestria, o enigma do devir...

Abstract

Mainly known for his novel *The Hours* (adapted for the big screen), Michael Cunningham wrote *A Wild Swan and Other Tales*, published in 2015, a tale book that leaves us completely bewildered by its categories derogation.

Several characters incarnate the anti-hero figure, replacing the prince charming established by fairy tale rules: for example, an alcoholic prince with a swan arm; the old lady of Hansel and Gretel being a solitary old red head ex-prostitute; the Snow White Prince showing some necrophilia fetishes; the Steadfast Tin Soldier without a leg and a whorehouse costumer, among other... In the jungle of the real world, without any magic or spells, these characters contradict the convenient suggestion of living *happily ever after*.

The author's goal is to reinterpret ten children's tales, creating an adult and clearly dark version of them, making us doubt the typical *happy-ending*. These versions overcome the fairy tale structure beyond the celebration ending, and arouse multiple questions in the reader.

Cunningham rewrites prequels and sequels of a possible present that, without victories or conquests, praise a plausible reality of each character, but leaves us the future enigma.